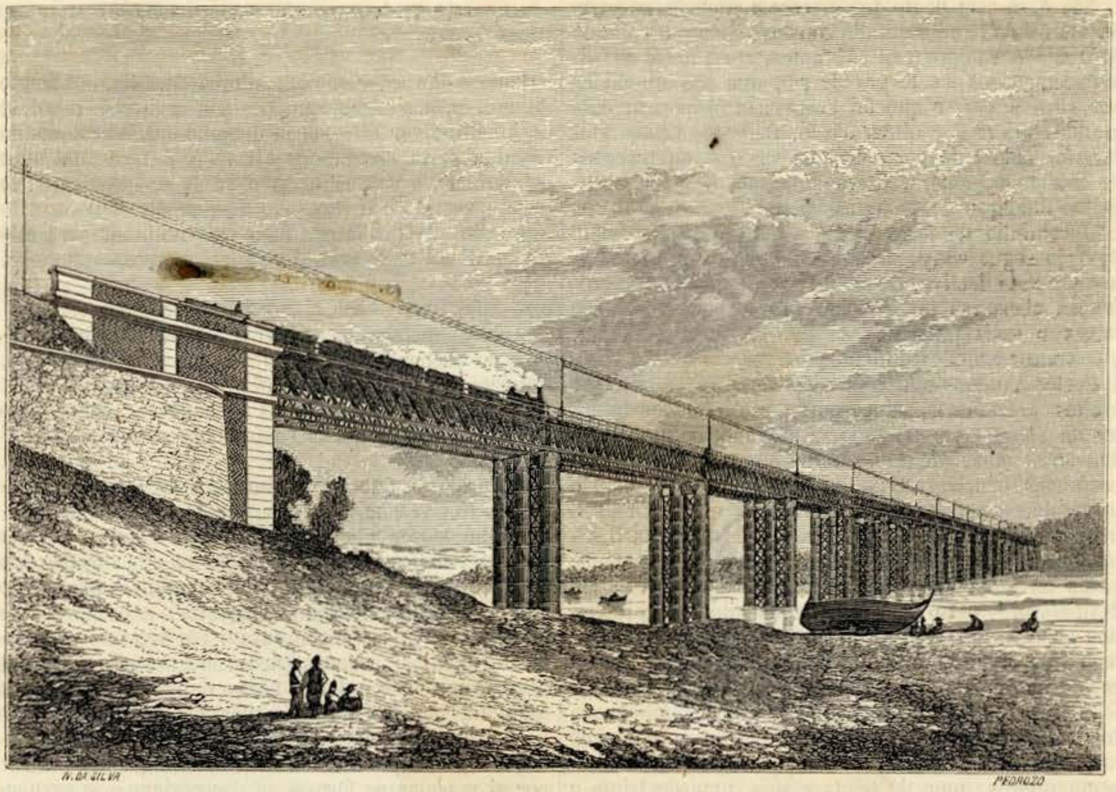


Ponte do caminho de ferro de léste sobre o Tejo — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

A ponte que a estampa representa é a obra de arte mais importante do caminho de ferro de léste, e póde dizer-se monumental e de primeira ordem entre as grandes obras do seu genero em toda a Europa. É não só notavel pela solidez e excellente collocação, como pela elegancia de fórmas. Atravessa o Tejo muito perto da villa de Constança, no ponto da confluencia d'este rio com o Zezere, e a 118 kilometros de Lisboa, ficando-lhe quasi contigua a estação da Praia. Tem em cada um dos extremos, assentes sobre as margens, dois grandes encontros de cantaria e tijolo, e dezeseis vãos de 29^m,20 de luz, apoiados sobre pilares tubulares de ferro fundido. Cada pilar é formado de tres tubos cylindricos, tendo 2^m,40 de diametro a parte d'elles cravada no terreno, e 1^m,83 a parte de fóra. Foram cravados pelo systema de ar comprimido, a profundidades variaveis, entre 10 e 19 metros abaixo da estiagem. Metade dos tubos assenta sobre um banco de rocha que está debaixo das areias do rio: outra metade foi cravada atravez de areia e de um banco de grosso cascalho, fortemente agglomerado com saibro.

Os tubos da primeira via já estavam collocados quando sobrevieram as cheias do inverno de 1861, e então se observou que eram insignificantes as escavações em torno d'elles produzidas pela corrente das aguas; o que é devido á pequena secção dos tubos relativamente á grande vasão da ponte.

A altura dos cylindros, acima das aguas da estiagem média, é de 15 metros e meio; e a das vigas ou tirantes de ferro que se cruzam obliquamente é de 3 metros; sendo 18 metros e meio a altura total, entre os carris ou nivel por onde passam os comboios e as aguas da estiagem, no verão.

É de 494 metros, ou quasi meio kilometro, o comprimento total da ponte entre os encontros.

N'esta obra, de certo a mais arrojada do nosso paiz, entram proximamente 640 toneladas, ou 640:000 kilogrammas de ferro laminado; e 1.150 toneladas, ou 1.150:000 kilogrammas de ferro fundido: ao todo perto de dois milhões de kilogrammas de ferro, e 3:250 metros cubicos de madeira. A parte metallica foi fornecida pela casa Kennard & C.ª, de Londres, a qual começou a montagem por empreitada, continuada depois pela empreza com os seus engenheiros.

A nossa estampa representa a ponte completa para comprehender a segunda via de carris, cujo taboleiro ainda não está assente.

Em junho de 1861 começaram os trabalhos definitivos d'esta construcção, empregando-se durante ella, e sempre trabalhando, tres machinas de vapor da força de 12 cavallos cada uma, e differentes apparelhos de mergulhar. Em 19 de agosto 1862 correu sobre a ponte a primeira locomotiva. Em 26 de outubro verificou-se a inspecção da obra por parte do governo, que para isso nomeou uma commissão dos distinctos engenheiros José Victorino Damasio, Belchior José Garcez, Joaquim Simões Margiochi, Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas e Joaquim Nunes de Aguiar. As competentes experiencias foram feitas com um comboio composto de 24 wagons carregados de carris, puxado a duas locomotivas, trabalhando a dupla tracção. O peso total d'este comboio era para mais de 300 toneladas, ou tres milhões de kilogrammas.

Foram completamente satisfactorios os resultados das provas a que a commissão procedeu, e até superiores aos que mathematicamente se poderiam esperar. No decurso do tempo que durou a carga maxima da prova, as flechas foram exactamente medidas, bem como as oscillações produzidas pela passagem das duas locomotivas, que só ambas pesavam cem toneladas. As flexas corresponderam apenas a 34 milimetros de

depressão no centro do leito de cada vão, que, apenas descarregado, voltou lenta, mas exactamente, á posição primitiva.

Não é só esta ponte que merece a attenção na parte da via ferrea, que seguindo constantemente o valle do Tejo desde Santarem até Abrantes, corta todos os valles secundarios d'este grande rio, que são inundados por suas aguas, e que foi necessario atravessar com grandes atterros e obras d'arte. O fundo d'estes valles, formado todo por depositos vasosos ou turbosos de grande espessura, fizeram mui dispendiosa e difficil a fundação de todas as obras.

O caminho de ferro entre a Barquinha e a ponte do Tejo segue constantemente a encosta de um monte de grande declive, cortada frequentemente com profundas aberturas ou ravinas, que tornam este lanço talvez o mais pittoresco da Europa. Houve, porém, que vencer grandes difficuldades.

Fortes e longos muros de supporte, atravessados por muitos aqueductos, amparam o caminho constantemente sobranceiro ao Tejo, e a grande altura acima das suas aguas. A estes muros precedem e seguem profundas trincheiras abertas no granito que compõe o monte, apresentando taludes lisos e regulares. É percorrendo esta accidentada secção, que conta 8 kilometros, que, através de esplendida paizagem, se passa ao lado, sobranceiramente, do famoso castello d'Almourol [1], perto de Tancos, construido sobre rochedos no meio do Tejo, e que é uma das mais bellas e bem conservadas antiguidades que da edade media restam em Portugal.

Acima da ponte do Tejo até Abrantes, tambem são frequentes grandes obras. Além de altos e longos muros de revestimento, ha cinco pontes: duas de sessenta metros, uma de trinta e seis, uma de trinta e outra de vinte, não mencionando grande numero de pontões.

Da importancia das obras do caminho de ferro nos 61 kilometros de Santarem a Abrantes, póde-se fazer idéa attendendo a que só na classe de pontes ha 22 vãos de ferro de 30 metros cada um; 3 de 24 metros; 2 de 20 metros; 7 de 10 metros; 2 de 6 metros; e grande numero de dois e meio metros. Nas obras d'alvenaria ha muitos pontões de 5 e 6 metros, e a grande ponte de Tancos, construida sobre uma ravina profunda, com a largura necessaria para a via ferrea e estrada publica.

Ha tambem uma não interrompida serie de muros de supporte, de longos e altos atterros, e de trincheiras profundas, muitas d'ellas abertas em rocha.

Em summa, n'esta parte do caminho tem-se realisado obras que ainda ha muitos annos se julgariam impraticaveis.

Em 7 de novembro ultimo começou a exploração publica d'esta secção de Santarem a Abrantes, em que está comprehendida a ponte sobre o Tejo. Foi um dia de alvoroço e alegria para todas as povoações d'aquellas proximidades, d'onde concorreu muita gente á linha, especialmente de Torres-Novas, cuja philarmonica e muitos habitantes foram no comboio festejando até Abrantes a abertura do caminho.

Na via ferrea de léste estão hoje em exploração 136 kilometros, desde Lisboa até Abrantes, cujo trajecto se faz em quatro horas e um quarto, parando os comboios em dezenove estações intermedias. Ha actualmente (janeiro de 1863) seis comboios, tres de ida e tres de regresso; o da manhã até Abrantes, o da tarde até Santarem, e o da noite, ou do correio, até ao Carregado. Julga-se que até ao fim do corrente semestre se abrirá toda a linha até Badajoz, na extensão de 280 kilometros, tendo 28 estações intermedias. Os comboios gastarão oito horas de Lisboa a Badajoz.

C. J. Caldeira.

[1] Vid. o n. 31 do I vol. d'este semanario.

JOÃO

(A T. J. DA ANNUNCIAÇÃO, PINTOR)

(Vid. pag. 341)

Parecia-lhe estar sentado n'uma penedia, em frente de um formosissimo campo. Ia a erguer-se o sol, o espinheiro-alvar estremecia debaixo das suas flores de neve, a selva dos prados estava coberta de um suor de perolas; a collina tinha o ar de se haver coberto de um vestido azul bordado de prata.

Ao fim de instantes, João viu caminhar para elle a gentil desconhecida do valle; e approximando-se, disse-lhe:

— Não basta olhar, é preciso fazer como eu!

Ao pronunciar estas palavras, collocou sobre os joelhos do pastor um cartão, uma folha de papel vellino, um lapis aparado, e conservou-se de pé atraz d'elle. Principiou João a traçar uns lineamentos, mas a mão tremia-lhe, e as linhas confundiam-se umas nas outras.

O desejo de que o trabalho lhe ficasse bom, a commoção e a vergonha de ver que se saía tão mal, faziam-lhe correr gotas de agua pela fronte. Haveria dado dez annos da sua vida para não se mostrar tão cheio de embaraço diante de uma mulher a tal ponto bella; contrahiam-se-lhe os nervos, e os contornos que tentava traçar degeneravam em zigzags irregulares e ridiculos; a sua angustia era tão afflictiva, que esteve quasi a acordal-o; mas a dama, vendo-o assim inquieto, poz-lhe a mão n'uma caneta de oiro, cujo lapis brilhava como se fôra de fogo.

João não experimentou nenhuma difficuldade mais; por si mesmas as fórmas se descreviam e se agrupavam sósinhas no papel; o tronco das arvores erguia-se por si proprio ousado e franco, desligavam-se as folhas, as plantas desenhavam-se com a sua feição caracteristica. A dama, reclinada sobre o hombro de João, acompanhava os progressos do trabalho com um ar de alegria, dizendo de quando em quando:

— Bem! Muito bem! Assim!

Um annel dos seus cabellos, cuja enfraquecida espiral fluctuava ao vento, roçou pela cara do pastor, e saltaram-lhe a este contacto mil faiscas, como se fôra uma machina electrica; um dos atmos de fogo foi caír-lhe no coração.

A dama adivinhou isto, percebeu, sentiu, e disse-lhe:

Ahi tem a faisca, adeus!

Produziu este sonho um singular effeito em João. O coração e a cabeça estavam-lhe realmente em chammas; saíra desde esse dia do chaos da multidão: entre o seu nascimento e a sua morte alguma coisa deveria existir.

Agarrou n'um carvão de uma fogueira da vespera, e quiz logo dar principio aos seus estudos pittorescos; as taboas exteriores da cabana serviam-lhe de papel e de téla.

Por onde principiou elle? Pelo retrato do seu melhor ou antes do seu unico amigo, o Fiel, porque João era orphão, e não tinha senão o seu cão por familia. Os primeiros traços que esboçou, devo confessar ao leitor meu amigo, que se pareciam mais com um hippopotamo do que com um cão; mas a poder de riscar e de tornar a fazer, porque Fiel era o mais paciente modelo de que ha noticia, conseguiu João passar do hippopotamo para o crocodilo, do crocodilo para o leitão, e finalmente do leitão para uma figura em que, para dizermos a verdade, só por má fé se não reconheceria um cão.

Dizer a satisfação do pastorinho quando acabou o desenho, seria coisa difficil. Miguel Angelo quando

deu o ultimo toque de pincel na cappella sixtina, e recuou cruzando os braço para contemplar a sua obra immortal, não experimentou uma alegria mais intima e mais profunda.

— Se aquella senhora d'hontem visse o retrato do Fiel! — dizia entre si o pequenino artista.

Deve fazer-se-lhe a justiça de declarar, que essa embriaguez foi de pouca dura. Depressa comprehendeu quanto aquelle esboço estava disforme e differente do verdadeiro Fiel; apagou-o, e d'esta vez tentou fazer um carneiro; conseguiu-o um pouco melhor, isto é, um pouco *menos mal*, devendo isso mesmo á experiencia de instantes que alcançára. O carvão todavia esmigalhava-se-lhe sob os dedos, e a taboa mal junta atraiçoava os seus esforços.

— Tivesse eu papel e lapis, disse elle, e já isto iria melhor; mas de que fórma hei de eu arranjal-o?

João não se lembrava sequer de que fosse capitalista. Acudiu-lhe isso á idéa, todavia, e n'uma bella madrugada, confiando o rebanho a um companheiro, foi resolutamente até ás Caldas da Rainha, e comprou ahi papel e lapis de muitas qualidades. João, contentissimo de haver cumprido a missão heroica e difficil de comprar tão singulares objectos, voltou para os seus carneirinhos, e, sem se descuidar d'elles, consagrou ao desenho todo o tempo que os pastores costumam empregar em tocar a gaita campestre, em talhar cajados, e em fazer armadilhas para os pardaes e para as doninhas.

Sem poder explicar a si mesmo que motivo lhe guiava os passos, o certo é que elle conduzia quasi sempre o rebanho para o sitio onde encontrára a dama, que durante dias não tornou a ver.

Estava João namorado d'ella? Não, no sentido que se liga a esta palavra. Similhante amor seria impossivel, e é necessario mesmo ao coração mais humilde e timido um clarão de esperança. Simples e rustico como era, João bem conhecia, entretanto, que havia um abysmo entre elle, pobre pastor andrajoso, ignorante, inculto, e uma senhora joven, bella e rica. Quem é que, a não ser louco, vae devéras amar uma rainha? Sente-se alguem infeliz, se não for poeta, por não poder beijar as estrellas? João não cogitava d'isso. A fidalga, era assim que elle a designava a si proprio, apparecia-lhe branca e radiante, com um lapis de oiro na mão, e elle adorava-a com a simples devoção, terna e fervorosa, dos catholicos da edade media pela Virgem santa; sem o cuidar, sem o saber, sem poder explical-o a si mesmo, aquella dama era para elle a Beatriz, a musa!

Uma occasião ouviu o galope de um cavallo; o Fiel soltou um latido extremo, e, instantes depois, viu a dama levada pelo corcel fogoso, que debalde castigava com o chicote para o tornar a metter na estrada; o animal indocil, impellido talvez pelo medo, não attendia ao freio, nem á espora, nem á redea, e, por um sobresalto violento, antes que João, atirando comsigo do alto da collina, tivesse tempo de chegar, desembaraçou-se da amazona que caiu estirada na charneca. A violencia da quéda fez-lhe perder os sentidos, e João, mais pallido ainda que ella, foi buscar á concavidade de um rodado de carro de mato, onde se juntára a chuva, com grande beneficio de uma rã que estabelecêra alli a sua barca de banhos, algumas gotas de agua limpa, que lançou sobre o rosto desmaiado da fidalga. Com grande terror seu, viu filetes vermelhos mesclarem-se nas azuladas linhas d'aquella fronte; estava ferida.

João tirou da algibeira um pobre lenço de quadros, e poz-se a estancar o sangue que abria caminho através dos canudos do cabello, tão piedosamente, e com um respeito tão sagrado, como as santas mulheres a enxugarem os pés do Christo. De uma das vezes tornou ella a si, abriu os olhos, e deu a João um vago olhar de reconhecimento que lhe penetrou n'alma.

Ouviu-se um rumor de passos, o resto da cavalgata andava em cata da dama; levantaram-na, metteram-a na carruagem, e desappareceu tudo.

O pastor conchegou preciosamente ao peito o tecido impregnado d'aquelle sangue tão puro, e á noite foi ás Caldas saber noticias da senhora. A ferida não era perigosa. Esta boa noticia socegou-o mais, a elle, que julgava perdido tudo, desde que víra levarem exanime e como morta aquella formosa creatura!

A estação ia adiantada; a fidalga ao aproximar do outono regressou a Lisboa, e João, apesar de não estar habituado senão a entrever ao longe, e como de escapada, o chapeo de palha e o vestido claro, sentiu-se immensamente só; quando estava triste, tirava o lenço com que estancára a ferida da fidalga, e beijava a mancha de sangue que cobria um dos quadrados; era a sua consolação. Desenhava a matar, como diz o povo, com pressa, com sofreguidão, com ancia, e esgotára já quasi a sua provisão de papel; eram rapidos os seus progressos, porque não tinha mestre; nenhum systema vinha metter-se entre elle e a natureza, fazia o que via.

Eram, todavia, os seus desenhos, rudes e barbaros, com quanto transluzissem ingenuidade e sentimento; trabalhava na solidão sob as vistas de Deus, sem conselho, sem guia, sem mais ajuda do que o seu coração e a sua tristeza.

Ás vezes, á noite, em sonhos, tornava a ver a fidalga, e o lapis doirado brilhava entre os seus dedos, traçando desenhos maravilhosos; mas de manhã apagava-se tudo, o lapis tornava-se rebelde, as fórmas fugiam, apesar do pastor gastar todo o miolo do seu pão em apagar os traços errados.

Entretanto, desenhára uma vez uma choupaninha com a sua fogueira á porta, atirando uma espiral de fumo até ao cimo das arvores quasi despidas de folhas; figurava mais no quadro, um trabalhador que déra remate á lida do seu dia, e que fumava um cigarro tranquillamente sentado ao pé do brazeiro, e no fundo da palhoçasinha, por uma porta meio aberta, entrevia-se vagamente uma mulher embalando com o pé um berço; e fiando na sua roca. Esta pintura foi a obra prima de João, que dava parabens a si proprio do acerto do seu talento.

De repente viu uma sombra no papel, a sombra de um chapeo de tres bicos, que não podia ser outro senão o do prior, que ainda era bastante bom para conservar essa tradição do trajo dos priores de aldêa. O caso é que era elle em pessoa; observava em silencio o trabalho do pastor, que se fez córado até ás orelhas por ter sido apanhado em flagrante. O veneravel ecclesiastico era um pobre homem, dotado de boas qualidades, e, o que é mais raro, de uma intelligencia acima do regular, que lhe permittia uma tintura tal ou qual de bellas artes; o trabalho de João pareceu-lhe o que em verdade era, notavel como promessa de um bonito futuro. O padre sentiu-se impressionado d'aquella vocação solitaria, d'aquelle genio ignorado, que espalhava os seus perfumes diante de Deus, reproduzindo com amor, com devoção, com consciencia, alguns fragmentos da obra infinita do Creador.

— Olha, meu rapazito, apesar da modestia ser um sentimento louvavel, não ha necessidade de te fazeres córado por similhante fórma. Isso é talvez um movimento de secreto orgulho... Quem fez uma coisa com toda a sinceridade do seu coração, e com os esforços de que é susceptivel, não deve receiar mostral-a. Não é nenhuma maldade desenhar, principalmente quando não se põem de parte os outros deveres. O tempo que passas n'esse entretenimento poderias perdel-o não fazendo nada, e a ociosidade é má na solidão; n'isso que ahi pintaste ha seu merecimento, meu filho; es-

sas arvores tem verdade, e as hervas estão cada uma com as folhas que lhes convem. Bem se conhece que tens contemplado as obras do Grande Mestre, pelo qual deves sentir-te penetrado de viva admiração, porque se já o fazer uma cópia imperfeita e grosseira é difficillimo, que não é então o crear e o tirar tudo do nada!

Assim animava a João o bom prior; teve elle a primeira confidencia d'esse talento que havia de ir tão alto e tão longe.

— Trabalha, meu filho, lhe dizia; has de ser um pintor excellente. Já ouvi contar de um, e é um nome notavel na arte, que não me occorre á lembrança, que, guardando cabras como tu guardas carneiros, alcançou tanto do seu talento, que um dos seus quadros, figurando a sagrada imagem da Mãe do Divino Salvador, andou passeando em procissão nas ruas de uma cidade da Italia pelo enthusiasmo do povo!

J. C. Machado.

(Continúa)

DISSENSÕES ENTRE EL-REI D. DINIZ E O INFANTE D. AFFONSO, SEU FILHO

Teve el-rei D. Diniz por esposa uma das mais formosas princezas do seu tempo. E a par d'essa angelica formosura tantas virtudes resplandeceram, que a egreja veiu a prestar-lhe culto nos altares sob a invocação de Santa Isabel. Pois não tiveram força, ou attractivo bastante, todos esses dotes para conservar D. Diniz fiel aos deveres conjugaes!

Contando apenas 18 annos de edade, e dotado de uma alma apaixonada, que facilmente se deixava impressionar, o joven soberano amou sua esposa com verdadeiro affecto nos primeiros annos do seu consorcio. Depois, esfriou-se pouco a pouco esse amor, como desejo que satisfeito vae fugindo, até que outras affeições o vieram matar com os gelos da indifferença.

N'esses desvios rendeu-se aos encantos de uma donzella, que mais que alguma outra o soube prender e captivar. Chamava-se D. Aldonça Rodrigues Telha, descendente de duas nobres familias por seu pae, Ruy Gomes Telha, e por sua mãe, D. Theresa Gil.

D. Aldonça era muito engraçada e gentil, mas não excedia em belleza á rainha. Porém no que muito se lhe avantajou foi na ventura de dar a el-rei o seu primeiro filho.

Eram passados mais de seis annos depois do casamento de D. Diniz, sem que o ceo se dignasse coroar este enlace com um penhor do affecto conjugal. E D. Diniz, nas suas aspirações de esposo e de soberano, via com anxiedade e desgosto correr debalde o tempo, esperando em vão um filho para os seus carinhos paternaes, e um herdeiro para o throno de Portugal.

Foi n'estas circunstancias que D. Aldonça deu á luz um principe que na pia baptismal recebeu o nome de Affonso Sanches [1]. El-rei exultou, vendo-se pae; e desde então apertaram-se cada vez mais os laços de ternura que o uniam á mãe de seu filho.

Passados dois annos teve a rainha D. Isabel a sua primeira filha, a infanta D. Constança, e no anno seguinte (1291) nasceu o infante D. Affonso, que veiu a succeder na coroa com o nome de D. Affonso IV.

Guardava a rainha cautelosamente em si todas as suas magoas. Ninguem lhe ouvia um queixume, nem ella consentia que se atrevesse alguem a fallar nos desvarios del-rei.

Os cortezãos, porém, que folgam, de ordinario, assoalhando as fraquezas do monarcha, e que procuram na maledicencia e na intriga a vingança contra os caprichos e desdens da magestade, foram habituando o infante desde menino a ouvir contar passo a passo a historia escandalosa dos amores de seu pae. D'est'arte D. Affonso, apesar dos conselhos e exemplos de sua mãe, foi criado na desaffeição para com seu pae e seu irmão natural. Crescendo, desenvolveram-se-lhe n'alma as más paixões do ciume, da inveja e da ambição.

Cioso da predilecção que el-rei mostrava por D. Affonso Sanches, invejoso das mercês que lhe fazia, começou o infante a requerer para si as terras e castellos que D. Diniz doára a seu filho bastardo. Recusou-se o soberano a satisfazer um tal pedido, ao principio com moderação, fazendo ver a injustiça do que d'elle se pretendia, depois com severidade e indignação, porque as instancias se repetiam já acompanhadas de queixas e de azedumes.

Então tornou-se em odio implacavel o desamor do infante para com seu pae e irmão. Já não se contentava de alienar do bastardo as sympathias e favores del-rei, nem de despojal-o de seus bens e honras. Aguilhoado dia e noite pela vingança e pela ambição, poz a mira mais longe, e meditou dois crimes atrozes, o fratricidio e o desthronamento do pae.

Para executar o primeiro urde negro trama, em que faz figurar D. Affonso Sanches, querendo propinar veneno a elle infante D. Affonso. Por tal modo combinou este infernal plano, auctorisando a calumnia com falsos documentos, e testimunhas falsas que arranjou entre os da sua parcialidade, que poz a el-rei em grande tormento, e a D. Affonso Sanches nos mais afflictivos transes em que se póde achar o homem. E se este alcançou provar a sua innocencia, deveu esta fortuna, mais que ao amor paternal, á prudencia e bem dirigidos esforços do soberano para fazer patente a verdade.

Não conseguindo o infante que seu irmão fosse condemnado nos tribunaes, e justiçado como criminoso, resolveu assassinal-o. E com effeito, indo D. Affonso Sanches de jornada, saiu-lhe ao caminho o infante, acompanhado de varios homens seus parciaes, e, accommettendo-o, fez quanto póde para o matar. Salvou-se, porém, o bastardo milagrosamente d'esta emboscada traiçoeira.

Frustrada esta segunda tentativa fratricida, como já se tinham frustrado outras do mesmo infante contra D. João Affonso, tambem seu irmão bastardo, declarou-se o herdeiro da coroa em rebellião aberta contra el-rei seu pae.

N'esta nova phase da sua vida está desenhado um dos mais horriveis quadros das guerras civis de Portugal.

Collocando-se á frente de um bando armado, composto na maior parte de facinorosos, que andavam a monte perseguidos da justiça, corre de terra em terra por quasi todo o reino, entrando á força de armas em muitos castellos, cidades e villas, e deixando atraz de si, assignalados n'um rasto de sangue, as torpes pégadas dos mais feios crimes. Como se fôra ainda pouco para a negrura d'este quadro o roubo de mosteiros e de povoações indefesas, a violação de donzellas e casadas, e a morte de muitas pessoas inermes, aquella horda de selvagens coroou todos esses horrores com o sacrilego assassinio do bispo de Evora, D. Giraldo, a quem apunhalaram na villa de Estremoz, onde então se achava, só porque nos conselhos del-rei condemnára o procedimento do infante (5 de março de 1320).

D. Diniz á frente das suas tropas perseguia o filho rebelde, mas debalde, porque elle não ousava encaral-o, fugindo sempre, e sempre mostrando-se forte e cruel com os mais fracos.

Durante estas funestas discordias, a rainha não fazia outra coisa senão orar e carpir-se, prostrada ante

[1] Não se sabe ao certo o anno em que nasceu D. Affonso Sanches, mas sim que foi antes de 1289. Presume-se que seria em 1288.

os altares, pedindo a Deus restituisse a paz ao reino, e a harmonia entre o esposo e o filho. E quando se erguia da oração, era para voar ao encontro de um d'esses objectos do seu amor, e com rogos e lagrimas, que abrandariam feras, lhes supplicava em nome do Senhor das misericordias, que se congraçassem, esquecendo e perdoando todos os damnos e injurias que um ao outro fazia.

Orou muito a santa rainha; muito chorou e muito pediu; mas alfim obteve inclinar o esposo á clemencia, e trazer o filho á obediencia do pae.

Celebrou-se o accordo na villa de Pombal, e na egreja parochial de S. Martinho. Aberto o evangelho sobre o altar-mór, o infante D. Affonso, pondo em cima d'elle a mão, na presença da rainha e de muitos nobres, jurou *sob pena de traidor e de incorrer na maldição de Deus e de seu pae, de sempre o servir e obedecer, e de comsigo não trazer mais malfeitores, mas de prender os que podesse, e os entregar a el-rei; e os que trazia lançaria de si logo.*

A rainha e o infante vieram em seguida para Leiria, onde se achava el-rei, que tambem a seu turno alli tinha prestado juramento de observar e guardar todas as condições do tratado.

De Leiria regressaram para Lisboa, d'onde o infante saíu pouco depois para Coimbra e mais terras que lhe foram doadas por seu pae, segundo as clausulas do accordo.

Mal eram passados dezoito mezes, depois d'estes successos, já o infante empunhava novamente as armas contra seu pae. D'esta vez eram os abusos e falta de justiça, que elle dizia haver no reino, o pretexto da rebellião.

Requerêra o infante a el-rei, que convocasse cortes, para se prover n'ellas a esses males. Porém não desejava, nem contava com o bom despacho do requerimento; antes tinha a convicção de que seu pae, indignado como estava com taes censuras e exigencias, se recusaria firmemente a reunir os tres estados a pedido seu. Era isto o que o infante queria, porque d'ahi tirava uma bandeira popular para a sua revolta, uma excellente bandeira para attrahir incautos, e á sombra d'ella arrancar a coroa da cabeça do soberano.

Conheceu D. Diniz toda a extensão d'este plano, e apesar da ira que lhe abrazava o peito, apressou-se a torcêl-o, convocando cortes em Lisboa para a reformação que fosse mister fazer no regimento de justiça, e para a extirpação de quaesquer abusos.

O infante ficou despeitadissimo sabendo esta resolução. El-rei quebrára-lhe nas mãos o condão com que elle imaginára, em seus sonhos ambiciosos, anticipar a sua exaltação ao throno.

Reunidos em Lisboa os membros dos tres estados, convidou D. Diniz o infante para comparecer nas cortes. Recusou-se. Ordenou que se apresentasse. Desobedeceu.

Abriram-se pois as cortes para conhecerem da verdade das accusações feitas por D. Affonso contra o governo do reino; e o accusador, fugindo do tribunal para o qual appellára, não tardou a rebellar-se outra vez caminhando de Santarem sobre Lisboa á frente de força armada.

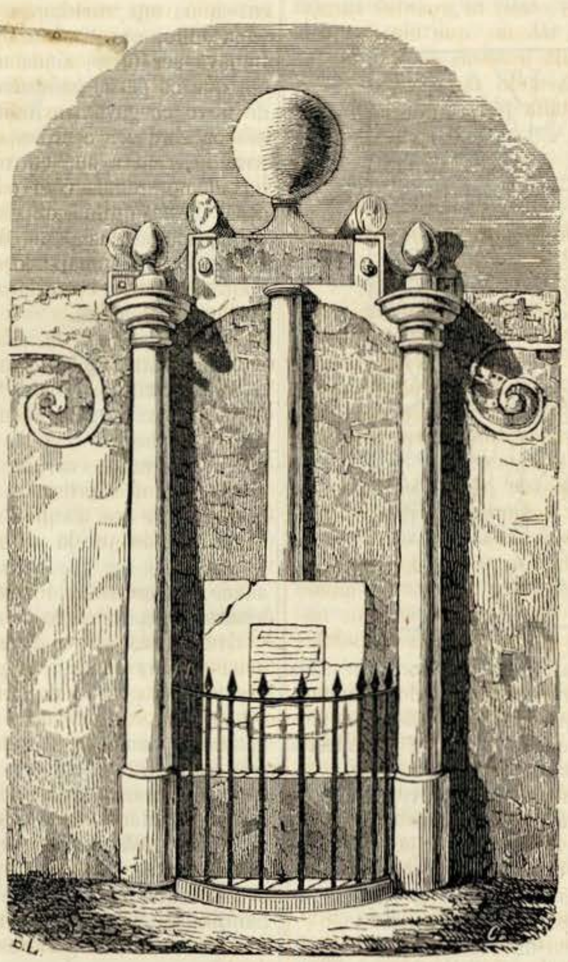
Enfureceu-se o soberano, quando soube este inaudito atrevimento do infante, e nos primeiros assomos de furor resolveu perseguil-o e tratal-o como ao seu mais encarniçado inimigo, como o maior criminoso do paiz.

Porém, fallando-lhe ainda em favor do filho uma voz lá no fundo do coração, suspendeu por um pouco a espada da justiça, e mandou-o intimar para que voltasse immediatamente para Santarem.

A resposta de D. Affonso foi carregar o sobrecenho, levar a mão ao punho da espada, e apressar os passos para Lisboa.

Estavam finalmente rotos todos os laços entre o rei e o vassallo, e entre o pae e o filho. Devia ser uma lucta de morte, porque as affrontas e o odio tinham chegado ao ultimo grau, áquelle grau que só com sangue se apagam. E a victoria devia ser disputadissima, porque de um lado estava o rei, fortalecido pela razão e justiça da sua causa, e pela opinião da gente boa: e do outro estava o herdeiro do throno, o filho unico do monarcha já vergado sobre a sepultura, mais pelos desgostos, que pelos annos.

D. Diniz junta todas as tropas de que póde dispor, e corre em busca do inimigo, que já se achava no Lumiar.



Padrão do Campo Pequeno

Encontraram-se os dois exercitos no sitio hoje chamado *Campo Pequeno*, e mal se avistaram rompeu a peleja entre os da vanguarda.

N'este momento solemne apparece a rainha, cavalgando sobre uma mula, sem acompanhamento, pois o cuidado e a pressa não lhe deram occasião a esperar por pessoa alguma. D. Isabel trazia estampadas no rosto todas as dores e ancias que podem dilacerar o coração de uma esposa e mãe.

Sem ver perigos; sem lhe importar o chuveiro de dardos e pedras que por todos os lados caíam; sem se embaraçar com os corpos mortos que juncavam a terra; atravessa as fileiras dos dois exercitos combatentes; passa e repassa muitas vezes pelo campo da batalha, dirigindo-se ora ao filho, ora ao esposo.

Abraça-os, e debulha-se em pranto; exhorta-os, e implora de joelhos. As suas lagrimas são ardentissimas, porque sáem de um peito abrasado do fogo divino das affeições mais santas, e das mais evangelicas virtudes. As phrases sobem-lhe aos labios com aquella do-

cura balsamica, capaz de cicatrizar as feridas mais fundas, porque brotam d'esse favo de mel, a que chamâmos — coração de esposa e de mãe. Todas as suas palavras, em fim, são cheias de unção, porque falla Deus pela sua boca!

Cegos e surdos pela paixão, ambos repellem a afflicta rainha. Mas não desanima D. Isabel. Insiste; teima; dobra as supplicas; redobra as lagrimas; invoca os nomes de Jesus e de Maria; e acaba por triumphar, anjo de paz!

Em memoria d'este novo accordo, a tanto custo alcançado, mandou a santa rainha collocar n'aquelle logar o padrão, que ainda lá vemos, e do qual aqui dâmos copia. [1]

SANTA IZAB
EL RAINHA DE
PORTVGAL MANDOV
COLLOCAR ESTE PA
DRAM NESTE LVGAR
EM MEMORIA DA PAS
CE E ICACAO QVE NEL
LE FEZ ENTRE SEV MA
RIDO ELREI D DNIS
E SEV F° D AFONSO
4° ESTANDO P SEDA
REM BTA NA ERA DE
1323

É singello, modesto, e até humilde, porém n'essas proprias qualidades encerra mais um merecimento, que o recommenda, pois que n'ellas symbolisa a singeleza dos costumes d'aquelles tempos, e a modestia e humildade do viver da santa fundadora.

O infante respeitou estas pazes, como respeitára as antecedentes. Ainda estavam quentes as cinzas dos que morreram n'aquella lucta parricida, e já D. Affonso trazia envolvidos seu pae e o paiz em novos alvorotos. Mas não tardou muito que viesse a paz do tumulo acabar para sempre esta fatal dissensão.

Apenas era passado pouco mais de um anno depois d'aquelle accordo, quando falleceu el-rei D. Diniz (7 de janeiro de 1325).

I. DE VILHENA BARBOSA.

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

(Vid. pag. 342)

VII

Chegámos finalmente ao colloquio XXII, em que se trata da entrada solemne dos embaixadores em Roma, e da audiencia publica que lhes deu em consistorio o papa Gregorio XIII, bem como do palacio e basilica de S. Pedro do Vaticano. Como o papa tinha a certeza de que estes japões vinham por embaixadores dos reis japonezes de Bungo, e Arima, e do principe de Omura, determinou recebel-os com pompa solemne, como era uso praticar-se com os embaixadores dos imperadores e reis. Os jesuitas, que a si attribuiam, e com verdade, esta missão, pediram ao papa, por espirito de humildade, que recebesse os embaixadores do Japão em audiencia particular e sem estrondo. Porém o Pontifice, havendo que este negocio importava a toda a republica christã, julgou que era justissimo, que a nova grei de Christo, propagada nos ultimos confins da terra, fosse recebida em Roma, com as mais assignaladas mostras de amor e benevolencia, e com todas as honras com que era costume serem lá recebidos os embaixadores que os outros reis e principes mandavam á curia romana.

Na manhã pois do seguinte dia, 23 de março, que se destinou para a entrada publica dos japões, foi o embaixador de Hespanha á casa dos jesuitas buscal-os na sua carruagem para os levar á quinta do papa Julio, que [illegible] fóra da porta do Populo, e costumava ser (e foi ainda até aos nossos dias), a casa em que os papas banqueteavam os embaixadores que de novo chegavam a Roma, e d'onde tanto estes como os cardeaes e principes saíam em grande cortejo para fazerem a sua entrada solemne na cidade. Não nos demoraremos com o auctor a descrever a grandeza d'esta quinta e palacio, quando temos tantas coisas magnificas para descrever de portas a dentro de Roma. Os embaixadores apenas estiveram alli as poucas horas necessarias para se aviar o cortejo da solemne cavalgata.

No entretanto D. Julião, um dos embaixadores, não podendo entrar solemnemente na cidade com os outros a cavallo por estar doente, foi levado secretamente na carruagem do mesmo embaixador a S. Pedro, para beijar o pé ao papa, que o recebeu com singular agrado e carinho. E mostrando aquelle principe desejo de alli ficar para ver o consistorio, o papa, que receava que d'aqui lhe resultasse aggravar-se-lhe o achaque de que já padecia antes da sua chegada a Roma, disse-lhe que voltasse para casa e cuidasse na saude, acrescentando que para o consolar e ouvir ajuntaria depois outro consistorio.

Como tudo esteve prestes, principiou o cortejo a aviar-se para a porta da grande cidade. Marchava na dianteira a guarda do corpo do papa, a cavallo, em numero de mais de cem cavalleiros com pesadas armaduras, como se fossem para o combate. Vinham após estes os suissos, que formavam a guarda pedestre da pessoa, todos vestidos de varias côres. Seguiam logo os gentis-homens e pagens dos cardeaes com as insignias cardinalicias, em mulas cobertas de gualdrapas roxas. Cumpre aqui advertir, que era n'esta occasião que os cardeaes costumavam mandar, por seus familiares nobres, comprimentar os novos embaixadores, e dar-lhes o parabem da sua chegada, tomando depois os mesmos moços nobres o logar competente no acompanhamento e prestito solemne.

Viam-se depois os gentis-homens e corte dos embaixadores, e especiamente a do de Hespanha, e depois d'estes os menestreis tocando seus atabales, charamelas e outros instrumentos. Seguiam-se os prelados, os camareiros e outros officiaes da corte pontificia, com vestes talares de côr roxa, muitos bispos e os clerigos da camara papal com seus habitos e chapeos prelaticios, e logo depois os principes japonezes trajando a seu modo, com umas samarras de brocado até ao chão, de chapeos na cabeça, e alfange á cinta em bainhas de prata, montados em soberbos cavallos cobertos de gualdrapa de veludo preto com franjas de oiro, e rodeados de seis escudeiros cada um. Caminhava primeiro o principe Mancio Ito, embaixador do rei de Bungo, entre dois arcebispos; vinha atraz d'elle o principe Miguel Cingiva, embaixador do rei de Arima, e do principe de Omura, no meio de dois bispos, e por fim entre dois dignitarios ecclesiasticos, Martinho de Fara, principe adjunto aos embaixadores. Fechava o cortejo um tropel de cavalleiros de toda a nobreza romana, cujo numero era tanto, que enchia

[1] Vid. o artigo a pag. 327.

o espaço de meia legoa, e no apparato e luzimento correspondiam á fama e celebridade de taes funcções em tal cidade. As janellas das ruas da passagem estavam armadas, e cheias de espectadores, que applaudiam os embaixadores, e n'elles honravam o Japão e a sua nova christandade.

Chegando os embaixadores á ponte de Santo Angelo, rompeu do castello do mesmo titulo um concerto de muitos instrumentos, e findo este foram saudados por salvas repetidas de artilheria e fuzilaria do forte, o que se repetiu quando chegaram á praça de S. Pedro, e sempre com tanto estrondo que parecia que toda a cidade se abalava. Em quanto a cavalgata se encaminhava para o Vaticano, o papa dirigiu-se com os cardeaes e sua côrte á magnifica sala regia, destinada para o recebimento dos grandes principes e embaixadores. A rara novidade d'esta embaixada que, como diz o nosso P. Lucena, por viagens e caminhos de tres annos, em que se contam mais de seis mil legoas, e se passa tres vezes a linha equinoccial, veiu a Roma de reinos d'além dos fins da terra, a que nunca chegára nem a fama sequer dos seus imperadores e cesares antigos, no que tanta honra cabe á nação portugueza; esta estranha embaixada, repetimos, ajuntou tanta multidão de gente no vasto salão consistorial, que, apesar de toda a diligencia da guarda palatina, estava tudo cheio sem exceptuar os bancos dos cardeaes, e os degráos do solio pontificio; de sorte que os cardeaes com muito trabalho poderam chegar aos seus logares, e o proprio papa esteve bom pedaço parado á porta, antes de lhe abrirem caminho para a cadeira, onde esteve sempre apertado, por causa dos bispos e prelados que o rodeavam.

Pouco depois de se ter sentado o papa no solio, appareceram os embaixadores entre a multidão, e os cardeaes se pozeram em pé para os ver melhor. A vista de tão magestoso ajuntamento de cardeaes, bispos, prelados, e nobilissimos dignitarios e cavalleiros que enchiam o real salão, e a lembrança de que tinham já diante de si o papa, vigario de Christo na terra, successor de S. Pedro, e pastor de toda a christandade, que era o termo da sua missão, e o fim por que seus principes os tinham de tão longe enviado, commoveu tanto os embaixadores, especialmente attentando na magestade pontificia, que ficaram confusos e atalhados. Chegando porém com grande reverencia e gravidade junto da cadeira papal, beijaram os pés do pontifice, e querendo pôl-os em cima de suas cabeças, por commissão expressa de seus reis, elle não quiz consentir n'isso, mas, levantando-os, abraçou-os e beijou-os ternamente duas vezes a todos, não se podendo conter sem derramar lagrimas abundantes, com as quaes lhes patenteou o seu paternal affecto, e os animou e socegou da commoção natural de tão maravilhoso espectaculo para todos e até para o proprio pontifice, que exclamou: *nunc dimittis servum tuum, Domine, in pace;* agora, Senhor, já o vosso servo acabará tranquillo a mortal carreira.

Não se póde exprimir a commoção e alvoroço de todos os assistentes. Estavam todos pasmados de uma embaixada de pessoas de tanta conta, de moços de tão curta edade, de viagem de tres annos, mandada por tão grandes reis. Admiravam-se que homens tão afastados da Europa tivessem confiado estes mancebos, seus parentes tão proximos, a dois ou tres jesuitas a elles estranhos, pobres e desconhecidos. E de todas estas considerações, e especialmente do fim d'esta embaixada, fazendo seus juizos da solida religião e piedade christã dos principes que os enviavam, enchiam-se de jubilo a ponto de muitos se enternecerem e derramarem lagrimas de alegria, sem exceptuar o proprio Gregorio XIII e muitos cardeaes. Acabadas as primeiras partes da cortezia, o papa conversou com elles algum tempo por meio do P. Mesquita.

Apresentaram-lhe logo as cartas dos seus principes, as quaes, segundo os usos do Japão, estavam enroladas e mettidas em caixinhas fechadas. Expozeram a commissão que lhes fôra dada, dizendo que os reis de Bungo e de Arima e o principe de Omura e outros grandes senhores japonezes, chamados, por divina vocação, do falso culto dos idolos á religião christã, e sabendo quão amplissima era a dignidade que elle tinha na terra, como vigario de Christo, haviam julgado não poderem fazer nada melhor nem mais agradavel, como mandal-os dos mais remotos confins da terra beijar em seu nome seus santissimos pés e pol-os sobre as suas cabeças; em signal da sua religião. Este discurso, que elles proferiram na sua lingua japoneza, referiu o P. Diogo de Mesquita na italiana, como interprete, e o summo pontifice respondeu condignamente, mostrando o grande affecto e a benevolencia mais que paternal que por taes principes tinha, assim como por elles seus embaixadores e tão chegados parentes, accrescendo sobre isto a predilecção que lhes dedicava como a filhos carissimos da santa egreja.

Em seguida o mestre das ceremonias levou-os ao logar destinado aos embaixadores, onde, estando elles de cabeça descoberta e em pé, com toda a reverencia, foram publicamente lidas as cartas dos principes do Japão, primeiramente na lingua japoneza, e depois na italiana.

Acabada a leitura d'estas cartas, o P. Gaspar Gonçalves, sacerdote portuguez da companhia de Jesus, segundo o costume n'estes actos solemnes, recitou uma elegante oração latina, que foi tão applaudida por todo o consistorio, que um dos cardeaes lh'a pediu para a publicar, como se fez depois com as cartas que tinham sido lidas. E tão commovente foi o orador n'este discurso, que arrancou copiosas lagrimas aos illustrissimos cardeaes, e ao proprio summo pontifice, os quaes manifestamente testimunharam o alvoroço e jubilo com que todos os presentes receberam as novas da propagação da fé catholica no Japão, e o amor com que abraçaram os noveis seguidores de Jesu Christo e de suas sagradas bandeiras.

Era a substancia d'este discurso: 1.° mostrar que sua santidade juntamente se devia de alegrar com esta embaixada, que trazia as primicias d'aquella nova christandade; 2.° dar conta das qualidades dos reis que a mandavam, e, finalmente, agradecer ao papa os cuidados que tinha da conversão d'aquelles povos.

Acabada esta oração, o papa mandou responder-lhes pelo seu secretario, Mg. Bonapadùli, que em uma breve oração latina, disse que o summo pontifice sentia o maior jubilo com a chegada dos embaixadores dos principes do Japão, e recebia no seu seio e tomava sob a sua guarda os mesmos reis e principes, os seus embaixadores, todos os japões que tinham abraçado a santa lei de Christo; e que, para o futuro, tudo o que respeitasse ao Japão ficava á sua especialissima conta e cuidado.

Como o P. Sande não inseriu na sua obra estas cartas e discurso, e a natureza d'este semanario não comporta a sua inserção, remettemos os leitores, que os quizerem ver na sua integra, para a outra obra citada no começo d'esta memoria, com o titulo: *Il gran Viaggio.*

Foram depois os embaixadores conduzidos de novo ao solio pontificio, e tendo beijado os pés do papa, os cardeaes abraçaram-n'os, e congratularam-se com elles da sua chegada e missão. Fechado o consistorio, retirou-se o papa aos seus aposentos, fazendo-se aos dois embaixadores, D. Mancio e D. Miguel, a honra de lhe levantarem a cauda do manto, o que só aos delegados dos imperadores, ou ao primeiro fidalgo da corte, se custumava fazer.

Demoraram-se ainda no paço do Vaticano por ordem do cardeal de S. Sixto, sobrinho do papa, que os convidou a um lauto e apparatoso banquete com o cardeal Guastavillano, e D. Thiago Buoncompagno, duque de Sóra, seus tios paternos. Ficaram todos admirados e satisfeitos de suas maneiras, do aceio com que comiam, e das discretas respostas que davam. Depois do jantar chamou-os outra vez o pontifice, e conversou com elles muito familiarmente por interprete. Finda a pratica, desceram á basilica de S. Pedro, e já de noite voltaram para a casa dos jesuitas.

Descreve aqui o auctor as vestes e o ceremonial dos papas e dos cardeaes, a egreja de S. Pedro, e a famosa sala regia do Vaticano. Não o acompanhâmos, porém, n'estas descripções, porque nos levariam muito longe, e são alheias ao nosso intento.

(Continúa) A. J. F.

HARPIA OU AGUIA DESTRUIDORA

Todos os nossos diccionarios definem d'este modo o nome *harpia:* «Monstro fabuloso com rosto de mulher, e as mais partes do corpo de ave de rapina, inventado pelos poetas.» Depois trazem as accepções figuradas.

Esqueceram-se de que ha com effeito uma ave d'este nome, pertencente á terceira familia das aquilinas, classificada por Cuvier na quinta tribu ou genero d'estas rapinantes, com a denominação de *thrasætus harpya*, ou aguia destruidora, cuja figura respresenta a estampa junta.

Segundo a mythologia grega havia nas praias da Thracia umas aves de rapina, com rosto humano, chamadas harpias, que assolavam o paiz quando os argonautas alli aportaram. Em breve as afugentaram. Naturalmente eram corsarios que infestavam aquelles mares.

Esta fabula das harpias com rosto de mulher é uma ficção de Virgilio no liv. III da *Eneida*, onde o poeta refere, que partindo de Troya a armada de Enéas para Carthago, aportando ás Estrophades, ilhas do mar Jonio, foram os navegantes, logo que saltaram em terra, accommettidos por numerosos bandos de harpias com as quaes tiveram de pelejar. O proprio Enéas as descreve n'esta estrophe: [1]

Ira dos deuses mais cruel do que ellas,
Peste nem monstro algum mais injucundo,
Nunca se viu abaixo das estrellas,
Nem saíu d'esse Tartaro profundo.
São aves, e tem rostos de donzellas;
Lançam dos ventres um fedor immundo;
Curvas as mãos, as unhas retorcidas,
Pallidas, e de fome carcomidas.

D'esta ficção se aproveitaram os pintores e esculptores para personificarem os vicios, sobretudo a cubiça, a avareza e a rapina.

Tambem na linguagem figurada, quando queremos designar uma pessoa avara, espoliadora, torpe, que arrebata o alheio, etc, dizemos que é uma harpia.

E de feito, a pintura que os naturalistas e viajantes fazem da voracidade, possança e instinctos d'esta horrenda ave, justifica a methaphora adoptada em todas as linguas, o symbolo que tem nas artes plasticas, e até a hyperbole de Virgilio.

Oiçamos o que nos refere um auctor de credito, M. d'Orbigny;

N'um reconhecimento geographico que fiz no rio Securi (America do Sul), ia n'uma piroga remada por tres selvagens yucarés, que são grandes admiradores das harpias. Appareceu-nos uma, tranquillamente pousada n'uma arvore. Quiz desembarcar para lhe atirar; mas como o terreno era muito lodoso, em quanto eu hesitava, os indios da piroga saltaram em terra com os seus arcos e flexas, atiraram de chofre, e feriram a harpia. Posto que atravessada por uma setta, voou para outra arvore. Os indios tornaram a atirar-lhe, e a ave caíu. Lançaram-se a ella, dando-lhe muitas pancadas na cabeça para a matarem. E logo alli lhe arrancaram as pennas da cauda, das azas e da cabeça, que estimam em muito, repartindo-as por todos. Depois tiraram-lhe a pennugem do peito, de que se servem para curar golpes como nós das teias de aranha. N'este estado m'a trouxeram, o que bastante me desgostou, pois queria conserval-a por ser de um tamanho enorme.



Harpia ou aguia destruidora

Mettemol-a na piroga, e continuámos a vogar. Passado tempo vimos que a ave, que nós suppunhamos já morta, se mexia. Não fizemos caso; mas de repente pondo-se em pé, furiosa, como querendo-se vingar, lançou-se a mim. Felizmente não tinha força para se servir das serras do bico, mas deitou-me as formidaveis unhas ao antebraço direito, que m'o atravesou de parte a parte. Ao mesmo tempo forcejava por me cravar o bico no pescoço, e não obstante estar tão ferida, custou muito aos tres selvagens da piroga tirarem-me das garras d'aquella fera moribunda. No meio das selvas, longe de todos os soccorros, debaixo de um sol abrazador, a que andei exposto todo o dia, com os tendões dilacerados, padeci dores horrorosas, e fiquei estropeado para muito tempo.

Asseguraram-me os indigenas, continúa M. d'Orbigny, que a harpia não dá caça ás outras aves; que só de mammiferos se alimenta, e que prefere os macacos a todos os animaes.

[1] Traducção de João Franco Barreto.